



Jesus, o mito: um novo imaginário popular brasileiro sobre Jesus pelos crentes no atual contexto sócio-político.

Jesus, the myth: a new popular Brazilian imaginary about Jesus by believers in the current socio-political context

José Augusto Oliveira Dias¹

Carlos Antônio Braga de Souza²

Isabel Cristina Bueno Palumbo³

Resumo: A pesquisa aborda o campo religioso na utilização do personagem de Jesus no atual contexto sócio-político-brasileiro e a ressignificação do seu imaginário. Dispusemo-nos das observações da religiosidade popular e suas dinâmicas em meio ao enredo atual. O que nos pareceu é que o pentecostalismo se empenha cada vez mais na busca de conquistas e direitos para a expansão de suas comunidades, procurando anular o direito de movimentos com pensamentos diferentes dos seus. Sua arma nesta luta está em recriar, em cada conveniência do segmento, uma imagem adaptada de Jesus como sendo um norte a seguir na busca do poder.

Palavras-chave: Imaginário popular. Política. Fé. Violência.

Abstract: The research addresses the religious field, in the use of character of Jesus in the current Brazilian-socio-political context and the resignification of the character's imaginary. We made use of the observation of popular religiosity and its dynamics in the midst of the current scenario. The Pentecostalism is increasingly engaged in search for achievements and rights for the expansion of its communities, seeking to annul rights of other movements with thoughts different from theirs. His "weapon" in this struggle is to recreate at every convenience, the segment, an adapted image of Jesus as a guide to be followed in the search for power.

Keywords: Popular imaginary. Political. Faith. Violence.

¹ Mestre em Ciências da Religião pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade do Estado do Pará - UEPA. Membro do Grupo de Pesquisa Arte, Gênero, Informação e Religião - AGIR. Membro do Grupo de Pesquisa Movimentos, Instituições e Culturas Evangélicas na Amazônia - MICEA.

² Docente associado da UFPA/ICSA, onde leciona as disciplinas História da arte e Ética e Informação; Doutor em Ciência da Religião pela PUC/SP; Mestre em Comunicação pela UNESP/Bauru, e Arte educador pela UFPA/Belém. Coordena o grupo de pesquisa AGIR, com pesquisa nas áreas de arte, gênero, informação e religião.

³ Possui graduação em Enfermagem pelo Centro Universitário Hermínio Ometto de Araras (1990), mestrado em Bioética pelo Centro Universitário São Camilo (2010) e doutorado em Ciência da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2018).



Introdução

Os acontecimentos que atualmente envolvem a sociedade brasileira e suas áreas têm resultado em diversas argumentações, discussões e debates inflamados por indivíduos defensores de ideologias de grupos ou comunidades existentes Brasil afora. Os principais meios onde militâncias têm ganhado destaque e fervor rigoroso são os meios político e religioso. Na realidade, nos últimos anos, estes meios vêm se confundindo e se entrelaçando, criando alianças importantes, mas também destrutivas e ameaçadoras aos direitos e progressos já conquistados pelo povo brasileiro.

A política, aliada cada vez mais à religiosidade, ganhou territórios e adentrou na formulação de características ideológicas nas reconfigurações de símbolos já possuidores de capital. Os símbolos judaico-cristãos são a grande maioria deles sendo a personagem de Jesus o maior destes na manipulação dos caracteres, hábitos, costumes e ideologias, comunitárias ou grupais, para a garantia do apoio das massas que dividem os desejos, crenças e respeito pelo mesmo símbolo legitimando, assim, movimentos em prol de imposições extremistas e fundamentalistas, quase sempre de fundo religioso em meio ao Estado laico.

Aqui abordamos o campo religioso na utilização da personagem de Jesus no atual contexto sócio-político brasileiro. Mencionamos as influências ocorridas na relação entre as imagens construídas através do imaginário popular deste, criados por movimentos pentecostais, na tentativa do controle e busca do poder político e social objetivado pelas lideranças político-religiosas do país. A compreensão deste fenômeno demandou observação da religiosidade popular e suas dinâmicas em meio ao enredo nacional atual.

As análises de alguns fatores mostram que a crença numa sociedade confessional direcionada pelos ideais cristão-pentecostais, leva o pentecostalismo e vários de seus segmentos a manifestarem extremismo em nome de um Jesus adaptado, reconstruído e direcionado para garantir fidelidade aos termos conservadores religiosos. A evidência de que o pentecostalismo se empenha cada vez mais na busca de conquistas ampliando, assim, suas comunidades e ideais nesse intento, visa anular direito de grupos que clamam por identidade e que lutam por visibilidade social. A aversão pentecostal, expressa no seu aniquilamento de outros movimentos com pensamentos e vivências



sociais divergentes aos seus, torna-se perceptível no uso de sua maior arma que é recriar, em cada conveniência do segmento, uma imagem adaptada de Jesus como sendo um norte a seguir na busca do poder das comunidades evangélicas e, assim, sócio-políticas.

1. O contexto social brasileiro

Para uma compreensão do presente contexto social brasileiro, e assim, uma possível visão ou hipótese dos acontecimentos futuros neste país, acreditamos ser de extrema valia as observações, análises e reflexões que resultem em pesquisa para auxílio ao conhecimento tanto acadêmico quanto popular ou de senso comum, das forças que têm operado no Brasil através das disputas por poder e controle social. Demonstrar as atuais influências evangélicas - em especial as (neo) pentecostais - no cenário brasileiro, contribui para um entendimento de grande parte das causas geradoras dos embates socioideológicos ocorridos atualmente no país evidentes, sobretudo, pela pandemia do covid-19.

Trabalhar os aspectos brasileiros que desencadeiam o pano de fundo presenciado em nossa sociedade atual torna-se extremamente importante. Analisando atos, hábitos, culturas, militâncias, políticas e ideologias grupais, percebemos – como as ideologias pentecostais trabalhadas e embasadas num imaginário da figura do Cristo, visando à implantação do que os pentecostais acreditam serem os ensinamentos de Jesus para o advento de uma sociedade melhor – sua contribuição para análises e buscas de mecanismos que permitam amenizar o clima entre os embates e seus efeitos negativos na sociedade brasileira, contribuindo na busca de ampla cidadania, preservando direitos identitários adquiridos constitucionalmente, como é o caso, por exemplo, da comunidade LGBTI+.

Entender e compreender o meio social, seus contextos e conjunturas, constitui-se de extrema importância à garantia de direitos na sociedade. Obviamente que cada grupo identitário se move dialeticamente, expressando sentimentos, ideias, paixões e ações que dinamizam o devir social, intervindo o tempo todo nas ações e nas relações da sociedade e interagindo intensamente em uma cadeia de influências, afetando e deixando-se afetar tanto na individualidade quanto no meio social.



O contexto social brasileiro tem enfrentado cada vez mais dissonâncias em várias áreas de seu campo ocasionadas pela diversidade de pensamentos oriundos de diversos grupos sociais na disputa por conquistas que permitam visibilidade e identidades no seio da sociedade brasileira. No entanto, tornam-se notórias as diferenças de engajamentos e, assim, perceptível o empenho de certos grupos em ter como objetivo a anulação de direitos constituídos de outros grupos, utilizando-se da visão monoteísta judaico-cristã a partir da leitura que fazem de alguns trechos do Antigo Testamento.

Um exemplo bastante comum na atualidade brasileira é o forte crescimento da tentativa de aplicação de ideologias com base em um moralismo exacerbado e que tem ocorrido por uma esmagadora influência evangélica, principalmente neopentecostal, pregadora e incitadora de intolerância contra ideologias contrárias às suas. Como revela os constantes ataques e depredações de ícones católicos⁴ e afro-religiosos⁵ ocorridos nas últimas décadas no Brasil.

Como uma espécie de teoria da conspiração, a “guerra santa” evangélica no Brasil corre atrás de estabelecer ou expandir suas prioridades, utilizando-se do ingresso a áreas político-sociais aderidas há poucas décadas pelo movimento. Nesse cenário de guerra santa e teorias da conspiração bastante fundamentais ao imaginário pentecostal, surge uma nova reconfiguração da missão dos crentes brasileiros empenhados na luta e combate contra aqueles a quem acreditam ser uma ameaça à sociedade cristã, luta esta que ganhou maiores proporções depois que eles ajudaram a eleger o candidato à presidência Jair Messias Bolsonaro.⁶

2. A influência e interferência pentecostal

⁴ Para ilustrar é oportuno ter presente a seguinte matéria sobre depredação de ícones católicos. Disponível em: <https://www.hojeemdia.com.br/primeiro-plano/evang%C3%A9lico-invade-igreja-e-destr%C3%B3i-imagens-de-santos-em-sacramento-1.267173>. Acesso em: 22 jun 2021.

⁵ Matéria sobre a depredação de terreiros afro-religiosos. Disponível em: <https://www.hojeemdia.com.br/primeiro-plano/evang%C3%A9lico-invade-igreja-e-destr%C3%B3i-imagens-de-santos-em-sacramento-1.267173>. Acesso em: 22 jun 2021.

⁶ Será oportuno ao leitor ter presente a seguinte pesquisa para ter maior clareza relativamente à afirmação feita neste ponto. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/584304-o-voto-evangelico-garantiu-a-eleicao-de-jair-bolsonaro>. Acesso em: 22 jun 2021.



São cada vez maiores as influências pentecostais na sociedade brasileira, expressão do aumento significativo em seu número de adeptos nas últimas décadas.⁷ Com isso, a introdução de seus *ethos* e *habitus* na cultura e comportamento do povo brasileiro tem expressado efervescente militância moral contra tudo o que, já antes, a cultura judaico-cristã combatia mesmo condescendente com seus membros hierárquicos⁸. Ou seja, foram implantados novos elementos, assim como reconfigurações de velhos, para esta atual efervescência da moral cristã, agora tendo como pivô o pensamento pentecostal fundamentalista podendo-se dizer teofacista, pois que acompanhado de atitudes violentas supremacistas.

Contudo, as bases estruturais para as atuais militâncias morais são as mesmas na historicidade do catolicismo, bases estas sempre reerguidas pela renovação da construção da ideologia cristã oriunda do ressurgimento da figura imagética de Jesus Cristo, através da reconfiguração do imaginário que tem como centro a imagem sempre vivificada do Messias, o restaurador do Éden. A imagem/imaginário manipulada com frequência sobre toda uma população de excluídos, negros, pobres e párias revela sua forte influência, controle e manipulação do povo⁹. Portanto, as igrejas neopentecostais em sua intolerância podem ser compreendidas através de um paralelo histórico à religião judaica à época de Jesus, o que se torna incongruente, pois Jesus era totalmente libertário. Ele enfrentou todas as instituições que oprimiam, tais como a religião dos fariseus e saduceus, os controladores do templo e o controle geral exercido pelo Império Romano.

Mas como é criada, ou recriada, a figura imagética de Jesus, capaz de impulsionar grupos e comunidades cristãs a uma militância pela implantação das ideologias que eles acreditam ser a melhor forma de sociedade? A ressignificação do imaginário condutor do meio cristão pentecostal atua de que maneira na vida dos

⁷ A matéria a seguir apresenta os dados do último censo realizado sobre o assunto no Brasil. Disponível em: <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2012/06/numero-de-evangelicos-aumenta-61-em-10-anos-aponta-ibge.html>. Acesso em: 22 jun 2021.

⁸ A hipocrisia de líderes e donos de religiões revela-se no silêncio e acobertamento dos casos de pedofilia entre padres católicos e pastores evangélicos, como aponta matéria. Disponível em: <https://noticias.gospelmais.com.br/casos-pedofilia-cometidos-pastores-superam-padres-22204.html>. Acesso em: 26 jan 2021.

⁹ O controle das mídias eletrônicas por evangélicos e aliados, somada à extrema ignorância de significativa parcela do povo brasileiro, pode ser entendida no livro *Antenas da floresta: as aventuras das TVs da Amazônia* (Editora Objetiva, Cia. das Letras) da jornalista Elvira Lobato.



indivíduos? Em que medida os meios utilizados hoje na propagação da imagem pronta de Jesus tornam-se principais fatores da divulgação do controle?

O surgimento das problematizações ligadas a aspectos oriundos do imaginário sobre Jesus está, quase sempre, em volta aos acontecimentos sociais onde os confrontos ideológicos acontecem. Uma observação atenta sobre a sociedade cristã revela as mudanças sofridas e ocasionadas por indivíduos e grupos voltados à devoção em um Jesus segundo sua fé e denominação cristã no ensejo de transformação da atual sociedade, sobretudo quando se leva em conta a vida massacrante da população que vive em favelas, bairros populares e quilombolas, comunidades marcadas pelo genocídio étnico comumente apresentado pelo monopólio de transmissão televisiva como radiadores de violência e narcotráfico¹⁰.

Refletindo sobre estes dados surgem questões como: Qual figura influencia mais a sociedade cristã, o Jesus histórico ou o mítico? Até que ponto os ensinamentos atribuídos a Jesus servem como diretrizes para as práticas e comportamentos cristãos na sociedade brasileira atual? Como o Jesus histórico é visto pelos devotos do Jesus do imaginário popular? Quais as prioridades dos cristãos que acreditam na mudança da sociedade através dos ensinamentos de Jesus? Como o imaginário popular (neo) pentecostal lida com a ética social e os ensinamentos de Jesus? Como os devotos de Jesus vêem o mundo?

Torna-se importante acentuar aqui que além do imaginário popular da personagem Jesus – utilizado na formação ideológica dos grupos pentecostais mais periféricos e que os leva a se manifestarem agressivamente nas áreas sociais – existem também outras imagens a essa personagem associadas, como a mítica e a histórica, ou seja, o homem-Jesus e o mito-Jesus. A esse respeito, quer dizer, acerca dos diferentes significados da figura de Jesus, Jaroslav Pelikan (1998) apresenta uma contundente análise evolutiva desta personagem em *A imagem de Jesus ao longo dos séculos*, ilustrando como a imagem de Jesus, o Nazareno, tem sido manejada através de processos históricos. Na atualidade, a complexificação da narrativa imagética sobre Jesus amplia-se pelas narrativas monopólicas dos meios de comunicação e consumo, sobretudo com o advento de mídias sociais tais como o Facebook e WhatsApp.

¹⁰SANTOS, C. H. R. dos. Representações Sociais de pobres e comunidades da cidade do Rio de Janeiro na TV: reflexões metodológicas. Neste capítulo, o autor apresenta estatística sobre a caracterização midiática de moradores das comunidades no imaginário de telespectadores através dos noticiários.



Logo, questiona-se: existe diferença entre o Jesus do imaginário popular e o descrito nos textos evangélicos? As ideologias e pensamentos, assim como os ensinamentos atribuídos a ele encontrados nos Evangelhos se fazem presentes no atual imaginário popular pentecostal hoje? Se os ensinamentos contidos nos Evangelhos, atribuídos a ele, são a base da ideologia e do imaginário pentecostal, por que suas práticas não condizem com eles? Pois, o que parece, suas mensagens e comportamentos possuem muito mais coisas de uma Cruzada do que de Evangelho de Amor.

Empenhados em expandir seus pseudo-ideais de prioridades e preferências - mesmo que para isso iradamente ataquem os direitos de outros grupos que lutam por identidade como mulheres, religiosidades afro e LGBTI+ um substancial número de pessoas ditas cristãs com maioria de evangélicos, aliado a alas políticas conservadoras nos costumes, mais promiscuas no mercado neoliberal – encontra no atual cenário político-social brasileiro um ambiente favorável a imposição de seu ideal edênico judaico-cristão à complexa e múltipla sociedade brasileira.

Esse insolúvel problema na ótica neopentecostal, muitas vezes causado por falta de compreensão histórica e desconhecimento de si mesmo enquanto categoria social acende o alerta de caos, sobretudo por ser de problemática nada fácil de resolução num país com inúmeras diversidades em muitas áreas sociais. Assim sendo, de que maneira se pode estabelecer ou fazer valer as leis e diretrizes capazes de garantir igualdade a todas as representações sociais em um país com a maioria religiosa, mas que ao mesmo tempo caminha para um crescimento da diversidade do pensamento? Não existe interesse em justiça e igualdade nesses agentes. O que existe é luta pelo poder, a qualquer preço, como demonstra o abandono que a população mais pobre encontrou na pandemia do covid-19 no Brasil.¹¹

Dá para esperar empenho no reconhecimento da igualdade no atual contexto sócio-político-cultural? Quais rumos o país tomará com a atual ideologia fundamentalista evangélica influenciando as lideranças governamentais brasileiras? Pois o que parece, essa ideologia só entra para legitimar e justificar o injustificável. É uma

¹¹ Sobre o panorama do abandono em que se encontra a população brasileira, sobretudo a mais pobre, será oportuna ter presente a seguinte matéria. Disponível em: <https://www.cut.org.br/noticias/pobreza-e-extrema-pobreza-atingem-70-4-milhoes-de-brasileiros-em-2021-fb90>. Acesso em 23 jun 2021.



inversão da realidade do que ensinou Jesus Cristo. Na ideologia de muitos evangélicos, o mito que Deus ungiu é aquele que quer liberar armas e fazer apologia da violência.

A personagem que aproximadamente dois mil anos atrás daria origem a ideologias que se transformariam em construtos e construtores de sistemas governamentais e culturais se encontra presente ainda hoje no centro de discussões sobre o comportamento humano na sociedade. Ironicamente, resta saber de fato, quem ele é hoje para os seus seguidores e quais simbolismos acionaria, uma pergunta tão complicada quanto querer saber quem são seus seguidores atualmente no cenário brasileiro dentro do confuso emaranhado de ideologias cristãs, cristianismos e cristos.

3. Jesus, mito e imaginário popular

O tema “Jesus: o mito” traz à menção a importância da manutenção do monopólio da chave principal para o sucesso no mundo evangélico, a manipulação e, assim, as transformações da personagem Jesus. Procurando renovar o olhar crítico da imagem atual da personagem ressignificada e manipulada para o uso desta na tessitura de novos imaginários populares impostos por lideranças religiosas e políticas, no empenho do sucesso no controle da massa cristã-pentecostal-brasileira, conseguimos adentrar na compreensão das dinâmicas deste campo.

O subtítulo “um novo imaginário popular brasileiro sobre Jesus pelos crentes” remete a reflexão sobre o trabalhar na imagem e, assim, na ideologia da personagem símbolo da vida moral e ética do Ocidente cristão, figura importante na construção das bases política, comportamental e cultural, reverenciada nas sociedades com maioria cristã. No olhar cristão, não existe área da vida humana onde Jesus não caiba. O problema é o uso que fazem dele, desfigurando e deturpando sutilmente ou escandalosamente o que Jesus fez e ensinou.

Estamos no século XXI, século marcado pela era digital e sociedade informatizada. No entanto, no Ocidente, como em quase todo globo terrestre, as figuras, imagens e personagens ligadas às sagas míticas sobrevivem. Uma personagem sobrevive, ou melhor, ressurgue em cada reinvenção das histórias, míticas ou literárias sobre sua vida, seus ritos e seus ensinamentos reformulados e nutridos pelas várias intenções dos grupos considerados cristãos atuantes na sociedade. Seu nome dividiu a



história da humanidade na visão ocidental em antes e depois dele. Ele é considerado mito, ele é considerado personagem literário, ele é considerado uma pessoa histórica, e também considerado um ser real por muitos seguidores. Ele é Jesus. Ele é a personagem manipulada mais bem-sucedida na história, reformulando o imaginário popular diante de necessidades de mercado, onde o Jesus neopentecostal encontra o neoliberalismo de mercado.

Jesus é um assunto sempre em mutação, reconfigurando-se nos atos e atitudes dos indivíduos que têm por ele devoção, em especial aqui grande parte dos neopentecostais brasileiros que dizem ter o ensinamento dele como diretriz para a vida em todos os sentidos. Sendo assim, mítica ou histórico-literária, a figura manipulada de Jesus interage, dita e rege padrões e estruturas atuantes nos meios sociais e seus grupos, comunidades, admiradores e simpatizantes seja através do imaginário popular originalizado das narrativas ou no aprofundamento dos ensinamentos atribuídos a ele nos Evangelhos.

Essa manipulação da figura de Jesus a sabor do mercado livre associado ao puritanismo¹² enquanto controle das massas, permite reconhecer extremismos e fanatismos, sobretudo quando certos grupos de cristãos violentamente doutrina sua legião de fiéis a odiar, deprestar templos de outras denominações religiosas como terreiros de umbanda, esbravejar misoginia e lgbtifobia, buscando implantar suas crenças, ideologias e dogmas na totalidade da sociedade brasileira, com a finalidade prosélita de sua religião ou credo, em detrimento de outros grupos.¹³

Embora haja inúmeras interpretações sobre suas ideologias, pode-se dizer que grupos cristãos neopentecostais não reconhecem a influência manipuladora que os líderes religiosos exercem, sobretudo adaptando os evangelhos e a figura de Jesus aos violentos ideais do neoliberalismo. Os fiéis seguem as pregações de seus líderes, acreditando ser conduzida pela mensagem genuína dos ensinamentos de Jesus. O resultado disso é uma fé militante bastante rude, que muitas vezes por falta de uma cultura letrada que permita refletir sobre aspectos sociológicos da realidade social

¹² Sobre ser liberal no mercado e conservador nos costumes, acessar o artigo Conservador nos costumes e liberal na economia: liberdade, igualdade e democracia em Burke, Oakeshott e Hayek. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rk/v23n2/1982-0259-rk-23-02-223.pdf>. Acesso em: 09 mar 2021.

¹³ Sobre a incitação ao ódio contra outras religiões, servirá de exemplo ter presente a seguinte matéria. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/608622-pastor-quebra-santa-e-investigado-e-se-diz-arrependido>. Acesso em: 23 jun 2021.



alimenta extremismo, sendo o fanatismo religioso marcado pelo discurso do ódio, preconceitos, intolerâncias, racismos, puritanismo, hipocrisia e outros sentimentos oriundos do não reconhecimento de outrem na anulação da alteridade, atitudes que justamente estão na contramão dos ensinamentos encontrados nos Evangelhos atribuídos a Jesus.

É neste contexto que a sociedade brasileira tem, há muito, enfrentado mudanças significativas em suas posturas frente assuntos importantes para a evolução social e o progresso do país. O crescimento do número de evangélicos no Brasil tem impulsionado grande parte dos entraves a essas mudanças necessárias.

Desde seu surgimento, a personagem Jesus tem servido como instrumento pelo qual grupos buscam deter o poder e o controle geoeconômico, social e cultural. É bem verdade que o cristianismo avançou e obteve estrondoso sucesso através de variados meios como as guerras religiosas, a oficialização como religião de império, o imperialismo comercial exploratório e o capitalismo. No entanto, sua divulgação, ainda que quase sempre por meio da força, apoiava-se e dependia da imprensa escrita e imagética, mas ainda mais da oralidade construtora e organizadora dos imaginários. Hoje os aparatos e apetrechos são muitos e de alto alcance, mas as grandes tecnologias só vêm reforçar o poder manipulador do imaginário, incentivando à violência.

Grande é o número de ofertas contendo “imagens enlatadas” a consumidores “engaiolados” segundo Durand (1998) na manipulação do imaginário evangélico.

Portanto, a imagem “enlatada” paralisa qualquer julgamento de valor do consumidor passivo, já que o valor depende de uma escolha: o espectador então será orientado pelas atitudes coletivas da propaganda: é a temida “violentação das massas”. Este nivelamento é perceptível no espectador de televisão, que engole com a mesma falta de apetite, espetáculos de “variedades”, discursos presidenciais, receitas de cozinha e notícias mais ou menos catastróficas... É o mesmo “olho de peixe morto” que contempla as crianças que morrem de fome na Somália, a “purificação étnica” na Bósnia ou o arcebispo de Paris subindo a escada da Basílica de Montmartre carregando uma cruz... Esta anestesia da criatividade do imaginário e o nivelamento dos valores, numa indiferença espetacular, são reforçados por outro e último perigo. Trata-se do anonimato da “fabricação” destas imagens. Elas distribuídas com tanta generosidade que escapam de qualquer “dignitário” responsável, seja o religioso ou o político, interditando assim qualquer delimitação e qualquer estado de alerta, permitindo, portanto, as manipulações éticas e as “desinformações” por produtores não-identificados. A famosa “liberdade e informação” é substituída



por uma total “liberdade e desinformação”. Sub-repticiamente, poderes tradicionais (éticos, políticos, jurídicos e legislativos...) parecem ser os tributários de uma única veiculação de imagens “pela mídia”. [...] Constatamos que quanto mais uma sociedade é “informada” tanto mais as instituições que as fundamentam se fragilizam [...] (DURAND, 1998, p. 118-119).

Aliás, as velhas mídias oligárquicas muitas vezes compactuam da ansiedade por um mercado cada vez mais neoliberal, mesmo que sua capa de civilidade admita a inclusão de pessoas negras e LGBTI+ no ideal de uma sociedade plural. E, os meios cristãos, principalmente o evangélico, perceberam muito bem isso: alcançam multidões através de seus imaginários trabalhados nas mídias eletrônicas, sem estarem sujeitos à literatura e suas normas, ou dialéticas. [...] “ali onde a dialética bloqueada não consegue penetrar, a imagem mítica fala diretamente à alma” (*Ibidem*, p. 17).

A lógica do mito encontra-se exatamente na sua diferença em relação à lógica clássica ensinada desde Aristóteles até Léon Brunschvicg e que provocou, continua provocando, tanto uma desconfiança quase religiosa em relação ao imaginário como hostilidades violentas contra os pesquisadores do imaginário nas múltiplas disciplinas (*Ibidem*, p. 82).

Considerando que o mito e o símbolo formam o imaginário assim como o imaginário contribui na formação de novos mitos, temos em Gilbert Durand uma grande referência para analisarmos o imaginário cristão pentecostal brasileiro e suas ideologias voltadas para a salvação social do povo através da anunciação da imagem-pessoa de Jesus.

Mircea Eliade comenta que

Os mitos preservam e transmitem os paradigmas, os modelos exemplares, para todas as atividades responsáveis a que o homem se dedica. Em razão desses modelos paradigmáticos, revelados ao homem em tempos míticos, o Cosmo e a sociedade são regenerados de maneira periódica (ELIADE, 1992, p. 9).

E ainda,

Para o *homo religiosus*, o essencial precede a existência. Isso é verdadeiro tanto para o homem das sociedades "primitivas" e orientais como para o judeu, o cristão e o muçulmano. O homem é como é hoje



porque uma série de eventos teve lugar *ab origine*. Os mitos contam-lhe esses eventos e, ao fazê-lo, explicam-lhe como e por que ele foi constituído dessa maneira (ELIADE, 1972, p. 68).

Na contramão de um meio de paz, respeito e tolerância, muitas sociedades tidas como cristãs parecem adotar o nome e a imagem, mas não os ensinamentos de Jesus segundo os Evangelhos, resultado dos imaginários construídos na imagem simbólico-carismática de uma personagem de extremo valor-capital, na manipulação do herói mítico para o incentivo a conquistas de poder na sociedade através da manipulação das massas.

O herói está do lado de quem serve a ele. Em todo caso, a batalha está ganha, porque os crentes representam a vontade deste líder-herói, Jesus. Pensamentos como estes abrem caminhos para sentimentos eufóricos de ódio, aversão, desrespeito e intolerância para com aqueles diferentes a eles. Isto é um passo para a prática da violência, seja ela, simbólica, física ou psicológica.

4. A violência em nome de Jesus

A violência é algo presente no dia a dia dos seres humanos. Ela se encontra em todas as camadas sociais, como a cultural e a religiosa, numa incontável variedade de tipos, formas e atuações. René Girard (2004) argumenta que toda ordem é resultante do fruto de uma violência original e transfigurada na ordem do sagrado como também na origem de uma nova psicologia fundada no mecanismo simples e universal, a *mimesis*.

As violências encontram-se, muitas vezes, imperceptíveis aos olhares despercebidos e acostumados ao meio vivido pelos indivíduos. Meio em que ela opera, assim como, presenciada em formas legais (ROUSSEAU, 2008) de práticas violentas, como também, nos atos não considerados como violentos. A história humana desde o princípio tem sido assim. Contudo, falar sobre violência é falar de comportamentos, ações e hábitos humanos complexos.

O termo violência nas obras de Pierre Bourdieu (2007) é expresso no conceito de violência simbólica. Violência simbólica é a forma de coação que se apoia no reconhecimento de uma imposição determinada, seja ela econômica, social ou simbólica. Estabelece-se na fabricação de crenças no processo de socialização do indivíduo que é induzido a se comportar no espaço social segundo critérios e padrões do



discurso dominante. Este argumento parece ser bastante atual para o contexto brasileiro e os embates promovidos pelas alas conservadoras nos costumes mais liberais no mercado.

As dinâmicas manifestas através dos atos violentos podem ser restritas e sujeitas apenas às áreas culturais delimitadas, no que se refere ao conceito bourdieuano de campo. O conceito de campo utilizado por Bourdieu é de um espaço estruturado de posições onde agentes concorrem uns com os outros, e assim, seguem regras específicas deste espaço (BOURDIEU, 2003). Este conceito nos serve para aplicação no campo, ou espaço brasileiro-religioso.

Bourdieu (1996) trabalha com muita precisão os conflitos de classes e grupos, comentando o *habitus* como princípios geradores de práticas distintas e distintivas. As práticas geram diferenças constitutivas de sistemas simbólicos através da linguagem como um conjunto de fonemas ou como signos distintivos através de um conjunto de traços distintivos e separações diferenciais constitutivas de um sistema mítico. E prossegue:

A cada classe de posições corresponde uma classe de *habitus* (ou de gostos) produzidos pelos condicionamentos sociais associados à condição correspondente e, pela intermediação desses *habitus* e de suas capacidades geradoras, um conjunto sistemático de bens e de propriedades, vinculadas entre si por uma atividade de estilo (BOURDIEU, 1996, p. 21).

René Girard comenta que:

Não há cultura no interior da qual cada um não se sinta “diferente” dos outros e não pense as “diferenças” como legítimas e necessárias. Longe de ser radical e progressista, a exaltação contemporânea da diferença não é mais que a expressão abstrata de um modo de ver comum a todas as culturas. Em todo indivíduo existe uma tendência de se sentir “mais diferente” dos outros que os outros e, paralelamente, em toda cultura, uma tendência em se pensar não apenas como diferente das outras, mas como a mais diferente de todas, porque toda cultura mantém nos indivíduos que a compõem esse sentimento de “diferencia” (GIRARD, 2004, p. 30-31).

René Girard apresenta a Teoria Mimética para explicar o que para ele é a origem da violência humana: a mimetização através ou resultante dos desejos adquiridos na observação, logo, na imitação do desejo do outro. Suas obras estão fundamentadas nesta



teoria e sobre esta ótica ele trabalha o conceito de “bode expiatório” para explicar processos sociais movidos por violência coletiva. Girard classifica os agentes das ações violentas, aqui direcionadas às injustiças sociais, como perseguidores e perseguidos. Comenta que:

[...] não é apenas no domínio físico que pode haver anormalidade. Mas também em todos os domínios da existência e do comportamento. E é igualmente em todos os domínios que a anormalidade pode servir de critério preferencial na seleção dos perseguidos (GIRARD, 2004, p. 27).

E ainda que

[...] há, por exemplo, uma anormalidade social; aqui é a média que define a norma. Quanto mais a pessoa se distancia do *status* social mais comum, em um ou outro meio, mais crescem os riscos de perseguição. (*Ibidem*).

Os (neo) pentecostais e a ala conservadora brasileira já tem escolhido seu “bode expiatório”¹⁴ e o que parece o único caminho para uma sociedade santa, na sua visão, é a conversão, se não a eliminação destes.

Os atuais empenhos por parte dos evangélicos brasileiros e a ala conservadora em combater ou anular direitos de outros grupos ou a luta para a conquista deles, como os combates às crenças afro-religiosas, LGBTI+, religiosidades com menor expressão, encontra aqui sua interpretação analítica com êxito, pois, infelizmente, o imenso campo evangélico e suas inúmeras denominações não só se digladiam, mas agem no combate aos diferentes. A luta na anulação dos direitos e igualdades dos não cristãos é o primeiro passo para isso.

Outra manifestação por parte dos evangélicos que chamou a atenção foi o fato de grande parte das denominações apoiarem um candidato com discursos extremamente contrários aos princípios e valores cristãos. Jair Messias Bolsonaro pregava a liberação do porte de armas, defendia a ideia de que “bandido bom é bandido morto”,

¹⁴ A postura do presidente Bolsonaro ao manifestar à Secretaria da cultura, na pessoa da atriz Regina Duarte, a não liberação de verbas para temáticas envolvendo temas relativos à comunidade LGBTI+ é indicativo da manobra em relacionar à comunidade LGBTI+ ao satanismo e aos partidos de centro-esquerda. Vide Bolsonaro orientou Regina Duarte a não financiar pauta LGBT na Cultura. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/governo/bolsonaro-orientou-regina-duarte-a-nao-dar-financiar-pauta-lgbt-na-cultura/>. Acesso em: 09 mar 2021.



reverenciava a memória de um torturador, entre tantas outras atitudes não condizentes com os sentimentos pregados ou idealizados pelo cristianismo. Apologias à violência, onde a defesa através da agressão passa a ser defendida e a violência, tem sua carga simbólica anulada quando em “legítima-defesa”. A violência humana justificada, as guerras como algo necessário, e as “guerras santas” não estão fora deste fato. Matar os inimigos em campo de batalha não é um assassinato como diz Émile Durkheim (1999).

Notavelmente, Sigmund Freud em “Psicologia das massas e análise do eu” comenta sobre comportamentos de dois grupos importantes – Igreja e Exército – para a compreensão dos ideais de grande parte dos indivíduos na sociedade, o que nos é de grande apoio no entendimento das atuais alianças ideológicas entre adeptos religiosos e doutrinas militares no cenário brasileiro atual. De acordo com Freud (2013, p. 82-83), “no fundo, afinal, toda religião é uma tal religião do amor para todos que ela abrange, e é natural para todas praticar a crueldade e a intolerância com aqueles que não são seus membros”.

Diversas áreas na sociedade procedem, cada vez mais, com inclinações a uma moral ligada a vieses ideológico-religiosos. Sendo assim, conflitos têm surgido ocasionados pelos extremismos de alguns cristãos que pretendem, através de suas ideologias, implantar ou resgatar os sentidos e as práticas do Estado Confessional. Muito se tem a falar e discutir sobre o atual comportamento de grande parte dos evangélicos levados a cometerem atos contrários à ideologia cristã. Num contexto em que igrejas evangélicas, repletas de membros, fizeram o símbolo da arma com as mãos em apoio a um candidato a presidente onde suas esperanças estavam depositadas, hoje com o candidato eleito, o campo de conflito se agrava. Os evangélicos apoiadores deste acreditam que dias promissores para a nação estão por vir. Afinal, “Brasil acima de todos. Deus acima de tudo!”.

5. Os Jesus

Um dos fatores de maior contribuição para a formação da imagem de Jesus sempre foi o imaginário popular. Independentemente de qualquer época, as formas vão surgindo, tecendo características que se juntarão até formarem ou acrescentarem, traços épicos de uma imagem sempre em mutação. Sendo a maior das características díspares



entre o Jesus histórico e o Jesus mítico é que, enquanto o Jesus histórico é “congelado”, “engessado”, preso às Escrituras, o Jesus mítico é livre por se encontrar no campo do imaginário, é uma imagem em mutação até chegar ao ícone de perfeição referencial para objetivo do controle da massa.

Ainda que os seguidores de Jesus considerem os textos onde se fala dele como sagrado, contudo, é por fazer de Jesus um elemento de ressignificação constante e adaptando sua imagem às necessidades atuais dentro dos mecanismos do imaginário, que a imagem de Jesus persiste após dois mil anos. E segue adaptando-se às ideologias pessoais ou grupais. Logo, podemos dizer que os hábitos e costumes de grande parte dos grupos cristãos estão em reconfigurações ocasionadas pelas mudanças sociais, aos interesses de grupos, mas também pelas inversões dos valores cristãos nas buscas de seus objetivos na sociedade. Um exemplo, dentre tantos outros, é o fato de os cristãos não buscarem mais somente recompensas numa vida além, mas o crescente desejo de gozar uma vida terrena promissora, simplesmente por serem “herdeiros” da maior personalidade mítico-imaginária da história.

Considerações finais

Compreender o processo da evolução da imagem de Jesus na formação para um imaginário diretor e modelador de padrões e comportamentos dos indivíduos cristãos neopentecostais na atual conjuntura sócio-política brasileira para entender as mudanças nos meios sociais com as eventuais manifestações e imposições evangélicas no cenário brasileiro moralista e de apologia à violência através da falta de respeito e intolerância com os outros, é não deixar passar despercebida a relação dos desejos e as trocas destes nas ofertas. Ou seja, o número de bens simbólicos em variadas versões e modelos encontram as demandas necessárias para a circulação do capital simbólico e assim seu elevado valor. Para uma sociedade mergulhada na violência oferta-se um Jesus com os moldes sociais desta.

Como um objeto projetado para o cotidiano dos sujeitos, o Jesus do imaginário popular é projetado para o uso diário dos que se identificam com o “modelo de fabricação”. No Jesus do imaginário popular é o líder que fala através deste e não o contrário. O Jesus do imaginário pronuncia a vontade da liderança eclesial. Não é a



igreja quem consulta o Jesus do imaginário popular, mas este, consulta a igreja. Aqui está uma das causas do sucesso das denominações pentecostais autônomas, sejam elas do tamanho que for e possuam o capital que tiver.

Compreender os efeitos na vida dos indivíduos que fizeram e fazem das figuras associadas a Jesus um referencial para um modo de viver no mundo é perceber o quanto o “número de série” já está muito além do primeiro exemplar. A manipulação da figura imagética de Jesus no imaginário popular (neo) pentecostal, por parte de grupos capazes de impulsioná-los a uma militância pela implantação das ideologias que eles acreditam ser a melhor forma de moldar a sociedade, confunde-se na caricatura de uma personagem divina com desejos e pecados humanos. E, aqui estão alguns dos principais fatores reveladores sobre os aspectos comportamentais e ideológicos de grande parte dos (neo) pentecostais brasileiros no atual cenário sócio-político.

Referências Bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 5 ed. Rio de Janeiro: Perspectiva, 2003.

_____. **O poder simbólico**. 10 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

_____. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papyrus, 1996.

DURAND, Gilbert. **O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. Rio de Janeiro: Difel, 1998.

DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2001.

_____. **Da divisão do trabalho social**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ELIADE, Mircea. **Mito do eterno retorno**. São Paulo: Mercuryo, 1992.

_____. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e a análise do eu**. Porto Alegre: L&PM, 2013.

GIRARD, René. **O bode expiatório**. São Paulo: Paulus, 2004.

PAIVA, R. e SANTOS, C. H. R. dos. (orgs). **Comunidade e contra-hegemonia: Rotas de Comunicação Alternativa**. Rio de Janeiro: Mauad X; FAPERJ, 2008.



PELIKAN, Jaroslav. **A imagem de Jesus ao longo dos séculos**. 2 ed. São Paulo: Cosac & Naify, 1998.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **O contrato social ou princípios do direito político**. 2 ed. São Paulo: Escala, 2008.